

**As representações das *runestones* entre os antiquários escandinavos (sécs.XVI-XVII)**

RENAN MARQUES BIRRO<sup>1</sup>

Os primeiros humanistas que se interessaram pelas runas eram provenientes da Escandinávia e dos países germânicos, que viajavam ou solicitavam a monarcas e clérigos os indícios gravados com glifos rúnicos (DEKKER, 1998: 22-23). Neste contexto, um alfabeto rúnico intitulado *Alphabetum gothicum* foi publicado em Roma em 1554 e 1555 pelos irmãos, eruditos e clérigos suecos Johan Månsson (1488-1544) e Olof Månsson (1490-1557) (BARNES, 2012: 133). Esses irmãos abandonaram a Suécia no contexto da Reforma protestante empreendida pelo rei sueco Gustavus Vasa, pouco após de Johan ser apontado como arcebispo de Uppsala (1523).

Ambos foram profundamente influenciados pelo humanismo renascentista e eram hábeis no latim erudito. Olof, ao escrever no exílio, apoiou-se na noção medieval da origem dos godos a partir de Magog, neto de Noé. Assim, ele propôs uma história sueca antes do Dilúvio e que inserisse os glifos rúnicos também antes da cultura greco-romana. Nesta leitura, o assentamento de Magog na Suécia marcou o início da “Era de Ouro gótica” (SKOVGAARD-PETERSEN, 2012: 453).

Johan publicou uma edição do “alfabético gótico” em 1554 na *Historia de omnibus gothorum sueonumque regibus (História de todos os reis godos e Suecos)*. Na página 50 do livro original é possível observar uma “primeira versão” do alfabeto, depois aperfeiçoada por seu irmão (cf. imagem a seguir).

Sobre Olof, também conhecido como Olaus Magnus, é preciso rememorar sua principal obra, batizada como *Historia de Gentibus Septentrionalibus (A História dos povos do Norte, 1554-1555)*, impressa em Roma durante o degredo. O impacto causado pela descrição de invernos sem sol e bestas selvagens impressionou os europeus de sua época, rendendo traduções do trabalho para o italiano (1565), alemão (1567), inglês (1658), holandês (1665) e, muito posteriormente, para o sueco (1909). Fragmentos do trabalho foram publicados em Antuérpia, Paris, Amsterdam, Frankfurt e Leiden nos séculos XVI e XVII (SKOVGAARD-PETERSEN, 2012: 452-453).

---

<sup>1</sup> Professor de História Medieval da UNIFAP/Binacional e Professor Colaborador do CEHAM/UERJ; Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, orientado pela Profa. Dra. Maria Cristina C.L. Pereira. Coordenador do NEIBRAM/UNIFAP, pesquisador do LATHIMM/USP, do Brathair/UEMA e do Leitorado Antigo/UPE. rbirro@usp.br

Para além dessas descrições, vale ressaltar o impacto das ilustrações da obra, muito ricas e úteis para entender a experiência cotidiana e aprendida por Olof sobre as runas e que por si só valeriam uma tese. Neste ínterim, no livro I, cap. 36 da *Historia de Gentibus Septentrionalibus* ressalto o *Alphabetum gothicum* supracitado, expresso numa espécie de tabela com o alfabeto dos “godos escandinavos” ou geatas (em Nórdico antigo, *gautar*), povo germânico que viveu em Götaland (“terra dos gautar”) na atual Suécia.

Mesmo sem distinguir os glifos da *Era Viking* dos inventados na Idade Média, como a erudição contemporânea pode constatar após séculos de pesquisa, Johan e Olof consideraram ainda os casos em que os caracteres latinos apresentam mais de um correspondente na runografia. Houve, ao que tudo indica, uma evolução entre a publicação do trabalho de Johan e o de Olof: ao observar os glifos correspondentes ao caracteres “s” rúnicos nas duas “tabelas”, nota-se que cada irmão optou por disposições diferentes dos mesmos sinais. O glifo “o” também apresenta uma leve alteração nos dois trabalhos, o que pode indicar uma pesquisa mais aprofundada, o erro na impressão das obras ou ainda a utilização e/ou interpretação de variantes diferentes.



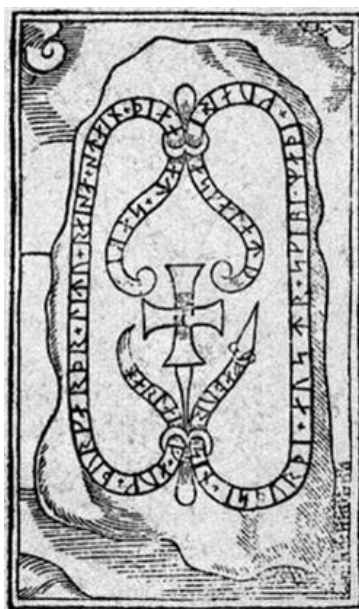
**Imagem x:** As “tabelas” propostas por Johan Månsson por Olof Månsson nas *Historiæ* e a definição de “ALPHABETV[M] GOTHICV[M]” em ambas. **Fonte:** Johannes Magnus e Olaus Magnus (1554-1555).

Apesar das limitações inerentes ao ineditismo, o trabalho de Johannes e Olaus Magnus sem dúvida marcaram um novo paradigma e uma nova fase dos estudos runológicos, como será possível constatar.

A partir de tal iniciativa, as *runestones* começaram a ser estudadas mais sistematicamente desde o final do século XVI. Johan Thomasson Bure (também conhecido pela forma latinizada Johannes Thomae Bureus Agrivillensis, 1568-1652) foi o precursor dos registros, inspirado nos primeiros antiquários do período clássico que

registravam indícios epigráficos. Em 1599 ele publicou o *Runokenslones lerespon*, com exemplos epigráficos, além de deixar ilustrações sobre com as *runestones* hoje perdidas.

Porém, Johan não desejava estudar as runas pelo alfabeto tão somente, conquanto tenha publicado um ABC sobre o assunto: O *Svenska ABC boken medh runor* (1.<sup>a</sup> ed. 1611; 2.<sup>a</sup> ed. 1624) foi o primeiro livro alfabético em sueco. Seu objetivo era ensinar as runas e a paulatina substituição do alfabeto latino. A segunda edição contava com pias orações em rúnico sem transliteração latina, diferente da primeira versão da obra. A partir de uma leitura mística dos glifos e de seus possíveis impactos na vida cotidiana, ele criou um sistema rúnico próprio, que foi batizado como *Adalruna* (ENOKSEN, 1998: 182-184).



**Imagem xx:** Ilustração da *runestone* U439 por Johan Bure. Ela faz parte dos c.26 monumentos que compõem as *Ingvarstenarna* (*runestones de Ingvar*), isto é, de varangianos que participaram da expedição no Mar Cáspio sob o comando de Ingvar, o *Viajante* (†.1042), líder que empreendeu um mal sucedido ataque contra a Pérsia (c.1036-1042). Johan encontrou a *runestone* U439 no Palácio de Stening, próximo do Lago Mälaren, nas cercanias de Estocolmo. Uma carta de 1645 informa que ela foi usada para construir um novo dique de pedra na região. Como é possível notar, o autor não destacou o entorno ou o monumento em si, ofertando poucos detalhes aos elementos ornamentais. Seu objetivo, ao que tudo indica, era focar o texto rúnico. **Fonte:** Huby - Ärlinghundra (2015 [1599]).

Apesar do trabalho de Johan Bure e dos irmãos Johan e Olof Månsson, o primeiro fragmento de trabalho runológico foi produzido ainda na Idade Média, a saber, o *Málfræðinnar grundvöllr*, uma das duas partes do *Terceiro Tratado de Gramática* (c.1240) em islandês antigo de Óláfr Þórðarson (c.1210-1259). Ele recebeu bastante atenção no século XVII por suas informações sobre as runas e é muito importante e

utilizado recorrentemente para entender a história do estudo das runas pós-medieval (WILLS, 2001: chap.3).

Neste ínterim, é preciso ressaltar o trabalho de Ole Worm (1588-1654). Também chamado de Olaus Wormius, um dinamarquês proveniente de uma rica família de Århus. Seu pai, Johan Worm (1520-1601), que se tornou um magistrado luterano da cidade, precisou fugir anteriormente de Arnhem, na atual Holanda, que em época estava submetida à lei católica e perseguia luteranos graças aos esforços do ducado da época (JANSEN, 1992: 98).

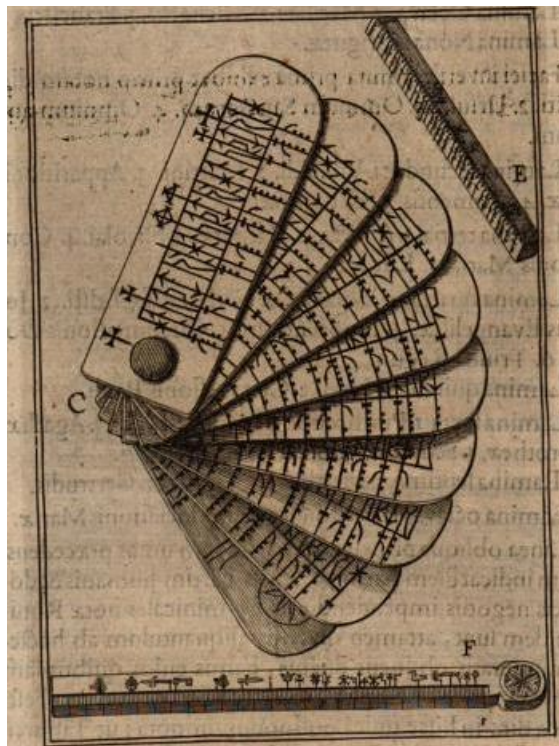
Após o estabelecimento da família, Ole Worm pode estudar gramática em Århus, conquanto tenha executado parte de seus estudos em Leiden. A seguir, ele se dedicou aos estudos de Teologia na Universidade de Marburg (1605) e se tornou doutor em Medicina pela Universidade de Basel (1611); além disso, ele ainda dispunha do título de Mestre em Artes pela Universidade de Copenhagen (1617). Worm seguiu a carreira docente na capital dinamarquesa, ensinando latim, grego, princípios da Física e Medicina. Seu status era tamanho que ele se tornou o médico particular do rei Christian IV da Dinamarca (JANSEN, 1992: 98-99).

A relação entre Worm e o rei propiciou que o primeiro fosse alvo de um edito real (1622) por meio do chanceler de Christian IV, Christian Friss, para que todas as antiguidades ou relíquias religiosas aos cuidados de bispos dinamarqueses e noruegueses fossem enviadas à chancelaria. Tal documento também teve impacto no clero e população em geral, que enviou objetos e manuscritos antigos. Entre os documentos enviados, havia um calendário rúnico com início em 1328. Deste modo, Worm, que já manifestava seu interesse pelos glifos escandinavos, publicou em 1626 o *Fasti Danici (O calendário Dinamarquês)*(SKOVGAARD-PETERSEN, 2002: 25).

Outrossim, como afirmado outrora, as ideias de Worm foram baseadas parcialmente nas conclusões de Arngrímur Jónson (1568-1648) e Þorlákur Skúlason (1597-1656), eruditos islandeses com quem ele conseguiu informações e antigos manuscritos.

Worm produziu ainda o *Runir seu Danica literatura antiquíssima, vulgo gothica dicta (Runas ou a antiquíssima literatura Dinamarquesa, popularmente chamada gótica, 1636)*, uma compilação de textos rúnicos. Com um fôlego impressionante, ele ainda publicou quase dez anos depois o *Danicorum Monumentorum (Monumentos*

*Dinamarqueses*, 1643) em seis livros, o primeiro estudo sistemático das runas, com a descrição de muitas *runestones* e inscrições dinamarquesas. Seu trabalho é deveras interessante, pois muitos desses indícios estão perdidos atualmente.



**Imagem x:** o calendário dinamarquês presente no *Fasti Danici* de Ole Worm (ed.1643: 96). Como apontou o autor, o calendário era composto por várias lâminas para calcular o ciclo solar, o ciclo lunar, festas religiosas, entre outras datas consideradas relevantes. **Fonte:** Worm (1643).

Para Worm, a antiguidade da língua dinamarquesa era inconteste, assim como do termo runas, que poderia ser inscrito entre os mais antigos escandinavos, a saber, godos, getas e dinamarqueses:

Eu sei bem que há homens de grande fama que argumentam que os Getas são diferentes dos godos e dos guths, e que os cimérios são diferentes dos cimérios, que os dinamarqueses da Dácia são Dahae, etc. Até mesmo o nobre Joh[annes] Isac Pontan[us] promoveu vigorosamente e eruditamente essa descrição da cronografia dinamarquesa (WORM, 1650: 30)<sup>2</sup>.

Como era comum em época, Ole Worm acreditava que as runas derivavam dos caracteres hebraicos, estes últimos considerados como os signos da primeira linguagem. Conquanto errada, era uma solução sofisticada e prática aos propósitos de

<sup>2</sup> “Non me fugit esse magni nominis viros, qui contendant Getas diversos esse à Gothis & Guthis, Cimbro diversos à Cimmericis, Danos à Dacis & Dahis, &c. Pro quo etiam acriter & eruditè pugnat vir clarissimus Joh. Isaac Pontanus [sic] in Chorographica Daniae descriptione”.

engrandecimento da memória e história dinamarquesa, assim como da origem das runas ligadas à história do mundo (JANSEN, 1992: 99).

Nestes termos, a palavra “rúnico” seria tão antiga que poderia ser encontrada em sua forma pura na Islândia da época, local que não sofreu influências externas consideráveis. “Não se deve negligenciar que, a partir dessas runas, a linguagem foi tradicionalmente chamada RUNA MAALI, como pode ser demonstrado em mais de um lugar nos manuscritos éddicos e escáldicos que foram enviados para nós da Islândia” (WORM, 1650: 32)<sup>3</sup>.

As runas serviriam, na leitura de Ole Worm, como uma forma comum de escrita que influenciou diretamente o islandês moderno. A escrita rúnica lançaria luzes, portanto, no alto nível de cultura do antigo passado dinamarquês, o que servia aos propósitos de Christian Friss e Christian IV, desejosos em elaborar uma história nacional do reino. Com este intuito, eles investiram nos trabalhos de Ole Worm e de outros eruditos (SKOVGAARD-PETERSEN, 2002: 24-26).

Outro ponto crucial nas contribuições de Worm são as ilustrações da obra *Danicorum monumentorum*, a cargo de Jonas Andersen Skonvig (c.1600-1664). Este clérigo e estudioso das runas norueguês nasceu em Skånevik (entre Bergen e Stavanger) e começou seus estudos universitários em 1622 na Universidade de Greifswald (atual Alemanha). Em 1626 ele participou de uma espécie de expedição antiquária para delinear monumentos rúnicos em Bergen. Seu trabalho foi certamente reconhecido, por ele foi contratado pela Universidade de Kobenhavn (Copenhague) para ilustrar as runestones dinamarquesas da obra de Ole Worm (DANSK BIOGRAFISK LEKSIKON, 2015).

Diferente de outros interessados da época, o ilustrador dispôs o entorno das *runestones*, i.e., inserindo árvores, colinas, vegetação rasteira e ranhuras nas rochas, diferente dos ilustradores anteriores, que enfatizaram as inscrições. Ainda são representações estilizadas, mas num perfil diferente, onde as inscrições de certa forma interagem com os demais elementos da figura e, em certa medida, foram atenuadas em importância por eles.

---

<sup>3</sup> “Hoc neutiquam praetereundum videtur, quod ab hisce Runis lingua antiquitus RUNA MAALI runa maali, appellata fuerit, ut ex non uno loco Eddae & Scaldae M.S.S.ex Islandia ad nos delatorum, ad oculum demonstrati potest”.

E notável a importância dada aos autores de documentos inscritos sobre as runas, mas não de seus ilustradores: no caso de Skonvig, sua data de nascimento e morte são incertas e não pude encontrar até então pesquisas que tratassem este artista de maneira indissociada de Ole Worm, ou sua forma de dispor as *runestones* em relação aos seus contemporâneos e antepassados para além da constatação tácita sobre a qualidade das ilustrações.



**Imagem x:** A inscrição rúnica de Runamo de Jonas Skonvigs no Liber sex Danicorum monumentorum de Ole Worm. **Fonte:** Worm (1645).

Ademais, a atração causada pelos monumentos apontados e pelo *Crymogæa* de Arngrímur Jonsson na Dinamarca seriam reflexos sobre o desconhecimento daquele tempo a respeito das informações sobre o passado dinamarquês presente na literatura islandesa medieval e até mesmo no país. Ao viajar para Dinamarca entre 1592-1593, Arngrímur entrou em contato com eruditos dinamarqueses, que passaram a se interessar pelos antigos escritos da ilha no extremo Norte do Oceano Atlântico, como forma de relacionar aos documentos e indícios locais (JÚLIUSSON, 2002: 4-5).

Destarte, Olaus ou Olof Verelius (1618-1682), um antiquário sueco do período, foi um grande entusiasta do passado nórdico: ele foi o primeiro erudito a publicar uma edição de uma saga, o primeiro a propor um dicionário de nórdico antigo-sueco e, por fim, foi o fundador da “Escola Hiperbórica”, fundamental para o desenvolvimento do

Goticismo na Suécia (BUNDLE et alii, 2002: 358; NORDISK FAMILJEBOK, 1926: cols. 1216–17).

Filho de um pastor, Olof chegou a estudar em Dorpat (atual Tartu, Estônia) em 1633, mas foi em Uppsala que ele desenvolveu seus estudos, pesquisa e sua carreira universitária como professor de antiguidades suecas (1662), um posto criado especialmente para ele. Nesta experiência, ao entrar em contato com o estudante islandês Jón Rúgman Jónsson, que levou para Suécia vários textos das sagas islandesas, Verelius traduziu e publicou em 1664 uma versão da *Gautreks saga* em sueco, seguida pelas traduções da *Bósa saga ok Herraud̄s* em 1666 e da *Hervarar saga ok Heiðreks* em 1672. Seu dicionário, *Index linguae veteris scytho-scandicae sive gothicae* (*Index da antiga língua cito-escandinava ou gótica*, 1681) foi publicada após sua morte pelo seu estudante Olaus Rudbeck em 1691 (NORDISK FAMILJEBOK, 1926: cols. 1216–17).

No bojo desta pesquisa, vale a pena ressaltar o livro *Manuductio ad runographiam*, conhecido também apenas como *Runographia*, publicado por Olof Verelius em 1675. Ele apresentou uma série de runas suecas na pretensão de continuar o trabalho de Johannes Bureus. Para o catedrático de Uppsala, a língua gótica era derivada do alfabeto grego (VERELIUS, 1675: 1-7).



**Imagem x:** runestone não identificada, mas batizada por Velerius como *Lapis salmungensis*, em Uppsala. Ela pode fazer referência a um monumento perdido ou não. O autor inseriu 14 ilustrações desse porte na obra *Runographia*. **Fonte:** Velerius (1675).

Como é possível constatar nas ilustrações evocadas até agora, a fidedignidade das reproduções, no sentido coevo, é de difícil análise. Johan Bure e Ole Worm, por exemplo, aparentemente reproduziram as *runestones* e outros indícios com maior



verossimilhança que Olof Velerius. Em outras situações, como nas “tabelas” da “língua gótica” de Johan Månsson por Olof Månsson (Johannes Magnus e Olaus Magnus), separadas também por um ano de publicação entre si, são perceptíveis as diferenças entre alguns glifos rúnicos, fruto de leituras diferente dos mesmos indícios, ou o desenvolvimento da pesquisa, ou ainda um erro por parte do(s) ilustrador(es) contratado(s) para reproduzir as ilustrações dos autores ou dos responsáveis pela impressão das ilustrações.

\*\*\*

Mística e religiosidade, formação e legitimação dos reinos, teorias e hipóteses especulativas: ideias que lançavam as runas para tempos imemoriais, criada junto ao latim, grego, hebreu ou até mesmo ao idioma de Adão. Como é possível notar, a discussão sobre este tema é amplo, de longa duração e ainda enfrenta uma série de debates diagonais.

Ressalto principalmente os destaques conferidos ao glifos e ao texto, em detrimento dos elementos figurativos que compunham as *runestones*. Em maior ou menor grau, boa parte dos registros desses monumentos não dispunha de ilustrações, ou dispunha de poucas, e tratavam o entorno do texto de maneira pouco cuidadosa.

Cito, por exemplo, a iniciativa contemporânea chamada *Samnordisk runtextdatabas (Database dos textos rúnicos escandinavos)* da Universidade de Uppsala (Suécia), iniciada em 1993 e concluída em 1997. O propósito dessa base de textos é disponibilizar digitalmente o registro das *runestones* escandinavas, a transcrição para o alfabeto moderno e uma possível tradução dos textos para o inglês. É ainda possível encontrar as coordenadas geográficas de cada *runestone*. O esforço é louvável e muito útil para permitir que pesquisadores de diferentes partes do mundo possam estudar as *runestones* à distância.

Mas, como o próprio nome afirma, a iniciativa visa tão somente os textos, não as imagens. Em pleno século XXI é ainda não há bases de dados “oficiais” e disponíveis de maneira ampla onde se possa ver e estudar as *runestones* levando em conta o entorno e o trabalho do artista de maneira integral, elementos fundamentais para uma análise

ponderada e menos parcial dos indícios. A tarefa de obter este ou aquele indício, deste modo, se torna um verdadeiro calvário, pois é preciso recorrer a imagens de baixa qualidade ou depender de descrições puramente textuais. Alguns monumentos, como fiz questão de apontar, estão permanentemente perdidos e só existem enquanto referências textuais ou desenhos de duvidável confiança.

A ênfase no elemento textual, natural nos séculos passados como pelo valor que a cultura letrada dispunha, pode também ser justificada pelas tentativas de enfatizar a antiguidade de grande valor cultural dos países escandinavos. Tal legado ancestral deveria fazer frente aos seus vizinhos meridionais, para colocar a cultura nórdica pelo menos em grau de igualdade com a herança greco-romana e semítica.

A força desse projeto ainda lança suas sombras na contemporaneidade. Enquanto os pensadores dos séculos XVI ao XIX discutiam a antiguidade e a origem das *runas* – sem mencionar as retrógradas leituras ainda vigentes atualmente –, poucos avanços foram produzidos para propiciar uma metodologia de trabalho eficiente à runologia.

Outro elemento que recebeu pouca atenção foi o caráter do artista que compunha a *runestone*. Quem eram esses homens? A que grupo social pertenciam? Eles seriam responsáveis tanto pelo texto quanto pelas figurações? Quais ferramentas utilizavam? Essas perguntas, infelizmente, só passaram a ser respondidas em meados da década de 70, a partir do estudo comparado das *runestones* suecas.

### **Referências Bibliográficas**

BUNDLE et alii. *The Nordic Languages: An International Handbook of the History of the North Germanic Languages*. Vol.1. Berlin: Walter de Gruyter, 2002.

DEKKER, Cornelis. The study of Old Germanic languages: the beginnings *In*: \_\_\_\_\_. *The Origins of Old Germanic Studies in the Low Countries*. Leiden: Brill, 1998, pp. 9-56.

ENOKSEN, Lars Magnar. *Runor: historia, tydning, tolkning*. Stockholm: Historiska Media, 1998.

*Huby* - *Ärlinghundra*. 2015 [1599]. Disponível em [http://www.hembygdmarsta.se/runstenar\\_show.asp?sid=8](http://www.hembygdmarsta.se/runstenar_show.asp?sid=8). Acesso em 20 mar 15.



JANSEN, F.J. Billeskov. From Reformation to the Baroque *In*: ROSSEL, Sven H. (ed.). *A History of Danish Literature*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1992, pp. 71-119.

JÚLÍUSSON

DANÍEL, Árni. Icelandic sagas around 1600. Reception, interpretation and context, *Sagas & Societies* 2002, pp. 1-14.

NORDISK FAMILJEBOK, 1926.

ODELBERG, Wilhelm. Jacob Berzelius and antiquarian research, *Laborativ Arkeologi* 8, 1995, pp.5-18.

SKONVIG, Jonas Andersen *In*: DANSK BIOGRAFISK LEKSIKON. Disponível em [http://www.denstoredanske.dk/Dansk\\_Biografisk\\_Leksikon](http://www.denstoredanske.dk/Dansk_Biografisk_Leksikon) Acesso em 30 mar 2015.

SKOVGAARD-PETERSEN, Karen. Historical Writing in Scandinavia *In*: RABASA, José et alii. *The Oxford History of Historical Writing: 1400-1800*. Vol.3. Oxford: Oxford University Press, 2012, pp. 449-471.

SKOVGAARD-PETERSEN, Karen. The promotion of a New History of Denmark in the Reign of Christian IV *In*: \_\_\_\_\_. *Historiography at the Court of Christian IV (1588-1648)*. Copenhagen: Museu Tusculanum Press, 2002, pp. 23-89.

VERELIUS, Olof. *Manuductio ad runographiam*. Uppsala. 1675.

WORM, Ole. *Runir seu Danica literatura antiquíssima, vulgo gothica dicta*. Copenhagen. 1636.